

Uma leitura comparativa de “A paga” e “A festa”, de Miguel Torga, sob os conceitos de honra e moralidade sexual feminina

p. 21 - 28

Melina Galete Braga Pinheiro ¹

Resumo

O presente trabalho pretende analisar dois contos do escritor português Miguel Torga: “A paga”, publicado no livro *Contos da Montanha* (1941), e “A festa”, publicado em *Novos Contos da Montanha* (1944). Inicialmente e de maneira introdutória, será apresentada a história dos dois contos. A partir dessa rápida apresentação, será discutida a estória de Matilde e a de Otilia, as duas personagens femininas dos contos. Abordaremos especificamente o momento da narrativa em que cada uma das personagens supracitadas tem a primeira relação sexual, e as consequências advindas desse ato – considerado por muitos um erro à época (primeira metade do século XX) –, pois ambas eram solteiras.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Moralidade sexual. Miguel Torga.

A COMPARATIVE READING OF “A PAGA” AND “A FESTA”, BY MIGUEL TORGA, LED BY THE CONCEPTS OF FEMININE HONOR AND SEXUAL MORALITY

Abstract

This paper aims to analyze two short stories written by the Portuguese author Miguel Torga: “A Paga”, published in *Conto da Montanha* (1941), and “A Festa”, published in *Novos Contos da Montanha* (1944). The storyline of both short stories will be presented as an introduction, followed by the discussion of the stories of the feminine characters, Matilde and Otilia. We will focus on the moment of the narrative when each of them has her first sexual relation, and the consequences that follow that act — considered a mistake by most people at the time (first half of the 20th century) —, because they were both single.

Keywords: Portuguese literature. Sexual morality. Miguel Torga.

Mas a ficção não se reduz ao romance. Outros gêneros interferem nela; e o que é comum a todos eles é o contar uma história, sob todas as formas que isso envolve. A base da ficção, em todo o caso, é o conto; e mesmo no grande romance há um princípio narrativo que se pode resumir a ele.

Nuno Júdice

Além disso, a feição tradicional e popular do conto está mais em consonância com o homem do povo que é Torga, que sempre quis ser entendido por todos e não apenas pelos intelectuais.

Maria da Assunção Morais Monteiro

¹ Doutoranda do CIDEHUS - Universidade de Évora - PT

² A edição utilizada é de 2002, da Publicações Dom Quixote, que reúne todos os livros de contos do autor.

³ A edição utilizada é de 1980.

Introdução

Serão analisados aqui dois contos do escritor português Miguel Torga: “A paga”, do livro *Contos da Montanha* (1941), e “A festa”, de *Novos Contos da Montanha* (1944). Inicialmente e de maneira introdutória, será apresentada a história dos dois contos. A partir dessa rápida apresentação, será discutida a história de Matilde e a de Otilia, as duas personagens femininas dos contos. Abordaremos, especificamente, o momento da narrativa em que cada uma das personagens supracitadas tem a primeira relação sexual, e as consequências advindas desse ato, considerado por muitos um erro à época – primeira metade do século XX –, pois ambas eram solteiras. No entanto, elas sentem-se culpadas, mas divergem na maneira como reagem à perda da virgindade – ou, como o autor refere-se, perda da honra – outra maneira de se referir à perda da virgindade naquela época.

Para Fabíola Rohden,

A reificação de uma determinada visão única e invariável de honra pode ser muito contraproducente. Seu perigo reside exatamente na força que o termo possui ao ser capaz de associar muitos núcleos simbólicos ou remeter a muitos domínios importantes como gênero, família, política, religião. Sem uma definição clara e precisa, em cada situação etnográfica, honra pode se transformar em um conceito mágico que fecha as explicações sem levar a uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos. (ROHDEN, 2006, p.103)

Portanto, é importante esclarecer que falaremos neste trabalho da honra na perspectiva de gênero, em relação às mulheres transmontanas da primeira metade do século XX.

Nos dois contos analisados, os acontecimentos mais importantes ocorrem em festas religiosas. Em “A paga”, os principais acontecimentos se passam, duas vezes, em anos

consecutivos, na festa de São Domingos. Em “A festa”, tudo ocorre na celebração de Santa Eufémia, a dita “bem aventurada”, que foi consagrada à virgindade ainda criança. Interessante perceber que foi exatamente na festa dessa santa – a virgem – que Otilia, a personagem a ser analisada, teve sua primeira relação sexual. A moral cristã – que era muito presente na sociedade portuguesa em princípios do século XX, e ainda é –, também influencia nas reações das mulheres e da família e grupo ao qual elas pertencem, o que também será discutido no decorrer deste trabalho.

Os contos

Em “A paga”, Matilde não é a personagem principal, e permanece na sua falta de importância ao longo da narrativa. Ela é apresentada como uma rapariga tola e iludida. A força, nesse conto, está nas personagens masculinas. No entanto, ela é a mais importante, pois a vingança subentendida no título, mesmo realizada pelos homens de sua família, ocorre com o objetivo de limpar sua honra – e, portanto, a honra de sua família.

Matilde encanta-se por Arlindo, um fadista conquistador. Este a engana, fingindo estar apaixonado, até conseguir ter uma relação sexual com ela. Depois da relação consumada, ocorre o que todos da cidade já esperavam: Arlindo abandona a rapariga. Contudo, como vingança, um ano depois, os homens da família de Matilde cercam Arlindo ao final da festa de São Domingos – a mesma celebração em que, um ano antes, ele a conhecera –, e cortam o seu órgão genital.

Em “A festa” é apresentada a história de três personagens da mesma família, que possuem igual importância no conto. Contudo, irei ater-me à filha. Otilia é uma jovem um pouco mais esperta que Matilde, de “A paga”. A rapariga passa o ano inteiro à espera da festa de Santa Eufémia, e até

rouba dinheiro das economias da família para ter uma saia nova para usar na noite da celebração, fantasiando antecipadamente uma dança com o namorado, que certamente duraria a noite inteira. Na festa, durante as danças, eles se afastam e tem uma relação sexual – a primeira de Otília. Ela arrepende-se, momentaneamente, mas depois vai aproveitar o final da festa, pois não há mais o que fazer em relação à virgindade – ou honra, como aparece no conto – perdida.

As duas mulheres são apenas personagens a mais nos contos. A primeira é o motivo da vingança, a segunda divide a importância com o pai e a mãe no decorrer da narrativa. O narrador não dá detalhes sobre as vidas das personagens antes ou depois do momento do conto. No entanto, pode-se perceber como eram essas vidas, o que vai acontecer e o que fica subentendido. Afinal, não é um romance, onde as histórias e sentimentos das raparigas seriam detalhados minuciosamente. Para Andrade Junior,

Como se pode observar pela análise de diversos contos, percebemos que a economia é uma das qualidades principais do gênero. Esse aspecto é de fundamental importância para que se possa compreender como – através do dizer e do não dizer – esse tipo de narrativa curta pode propor uma profunda reflexão sobre temas para os quais o silêncio (o não dito) é fundamental. (ANDRADE JUNIOR, 200, p.33)

Moralidade sexual na Montanha⁴

Matilde e Otília possuem, segundo a sociedade da época, uma obrigação: defender a própria honra, que no contexto dos dois contos significa manter a virgindade até o casamento. Contudo, as mulheres eram consideradas incapazes de defenderem sozinhas a própria

honra, pois, segundo a sociedade da época, elas nem sempre resistiam aos apelos masculinos. Por esse motivo, deveriam contar com a ajuda da família – principalmente a parte masculina dela – para que a honra pudesse ser defendida. Para Fabíola Rohden,

A honra de um grupo depende, nesse caso, da complementaridade ideal entre esses dois pólos, que também estão associados a masculino e feminino: enquanto a pureza de sangue deve ser uma característica essencial do comportamento das mulheres, a fama ou o renome deve ser de responsabilidade dos homens. (ROHDEN, 2006, p.111)

Matilde tem a ajuda do pai e dos irmãos. Esses voltam do Brasil apenas para a vingança contra Arlindo. E, ao contrário do que normalmente acontecia com mulheres que perdiam a virgindade em contexto exterior ao casamento, ela não foi desprezada pela família: “[...] os irmãos encheram a irmã de prendas, tratavam-na como uma rainha, e nem por sombras falavam no sucedido.” (TORGA, 2002, p.53) Naquele momento, eles já estavam, é certo, articulando a vingança. No princípio, as pessoas comentavam sobre a rapariga na rua: “Entretanto, a nova fora-se espalhando pelas redondezas. E ao cabo de algum tempo o nome da Matilde simbolizava apenas a façanha mais atrevida e gloriosa do farçola de Vale de Mendiz.” (TORGA, 2002, p.52). Mas seu pai, um homem de oitenta anos, defendia-a: “[...] o pai, a todos que lhe falavam no caso, respondia secamente que a filha dele não era melhor do que as demais [...]” (TORGA, 2002, p.53). Segundo Fabíola Rohden, “(...) o centro da honra da família, do grupo, estaria no comportamento das mulheres, mas caberia aos homens a responsabilidade por defendê-la em ofensas públicas.” (ROHDEN, 2006, p.107)

4 Montanha aparecerá sempre com a letra inicial maiúscula quando fizer referência às montanhas transmontanas, pois é assim que aparece nos contos de Miguel Torga

O mesmo não ocorre com Otilia, que não encontra quem possa defendê-la. Em sua família “Ninguém tinha tempo para cuidar dos outros. Cada um tratava de si, dos seus amores, da sua fé, dos seus ódios.” (TORGA, 1980, p.198) Seu pai estava mais preocupado em defender a própria honra – em outro contexto – diante dos amigos, e sua mãe só queria conversar com a Santa – e frustra-se ao perceber que a conversa é unilateral. Eles demonstravam cuidado com a filha apenas por obrigação, como fica evidente com a recomendação despreocupada da mãe, ao ver que a filha se afastava dela e do pai durante a festa: “_ Diverte-te, mas tem juízo... – avisou a mãe.” (TORGA, 1980, p.196). Estavam mais interessados em cuidar dos assuntos pessoais.

Por trás de todo o caráter de resistência em relação à moralidade sexual feminina e a defesa da honra familiar está a moral cristã. “O povo português é, em sua maioria, católico, e as instruções transmitidas na catequese excluem o relacionar-se sexualmente antes do sacramento do matrimônio. Mas o povo transmuntano nem sempre entende desse jeito. As regras cristãs adaptam-se às leis da Montanha, desde que os transmuntanos não se sintam ofendidos.” (PINHEIRO, 2015, p.74-75) Segundo Maria Helena Santana,

A moral cristã, com um peso relativo nas decisões individuais, costuma contornar-se ou adaptar-se aos ditames da fecundidade. A aldeia porém incorporou nos seus códigos algumas das normas de conduta (e de repressão) que a igreja prescreve às uniões carnavais. Fã-lo de acordo com o seu próprio interesse, encorajando casamentos fecundos e socialmente harmônicos, vigiando com alguma complacência a virgindade das raparigas, ou castigando os prevaricadores. (SANTANA, 2007, p.157)

Para Nietzsche, “O advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de

culpa.” (NIETZSCHE, 1999, p.34). A crítica ao cristianismo aparece de diversas formas nas obras torguianas, em muitas vezes na descrição dos padres, em outras na hipocrisia religiosa das beatas. Otilia, curiosamente, lembra-se de Deus assim que perde a virgindade, na hora do desespero: “_ Oh! Meu Deus da minha alma, que há-de ser de mim?!...” (TORGA, 1980, p.198) Contudo, como explicitado na citação acima, o transmuntano adapta as leis ditas divinas de acordo com seus interesses. As mulheres e os homens sabem que a Igreja condena o sexo fora do casamento, no entanto, arrumam desculpas para o ato, deixando evidente que não temem as leis consideradas divinas, pois até para elas pode-se dar um jeito – como, por exemplo, um casamento. Para Fernão de Magalhães Gonçalves, “(...) o homem transmuntano é um ser sobrevivente e mortalmente agredido – ele soube descobrir que Deus não o destruirá.” (GONÇALVES, 1995, s.p.)

Contudo, o casamento não vem para nenhuma das duas raparigas. Matilde entregou-se a Arlindo acreditando em suas promessas: “O rapaz assentara, falava-lhe com todo o respeito, e, tão certo como dois e dois serem quatro, recebia-a.” (TORGA, 2002, p.51) Mas antes da conversa entre seu pai e Arlindo esclarecer que ela havia sido enganada, a rapariga já havia percebido: “Matilde [...] põe-se a chorar, a chorar, e acaba por declarar tudo: o ladrão tinha-lho feito. Tantas loas lhe cantara, tantas juras, tantas promessas, que caíra como uma papalva.” (TORGA, 2002, p.52) O pai ainda tentou resolver da melhor maneira possível: “O justo, no desejo de compor aquilo, ainda o procurou, a saber que destino queria dar à filha. Meteu os pés pelas mãos, que não podia casar agora, que as vidas estavam muito más, e mais aldrabices.” (TORGA, 2002, p.52) Otilia entrega-se sem a promessa matrimonial. No entanto, ao perceber seu desespero, Leonel fala em casamento

apenas para consolá-la: “_ Juro... – prometia frouxamente o Leonel, reticente, a dizer que casava.” (TORGA, 1980, p.199) Essas tentativas para consertar o que era considerado um mal – a perda da virgindade antes do casamento – eram de suma importância, pois a mulher desonrada estava acabada para o matrimônio. A solução era casar com o homem que a desvirginou. Fora isso, dificilmente outro homem a aceitaria.

Os padres tem uma função fundamental na obra de Miguel Torga. Geralmente eles aconselham as raparigas sobre a importância da defesa da honra e de seguir os dogmas católicos. Nos contos aqui analisados, não aparece nenhum detalhe sobre a vida dos padres. Em “A festa”, sequer aparece um padre, apenas a santa e a igreja. Em “A paga”, o prior tenta aconselhar Matilde: “Pensasse no que andava a fazer. Fugisse das tentações. Desse uma cabeçada, e depois se queixasse. Tivesse vergonha na cara e tratasse de pôr os olhos num rapazinho da terra, honrado e trabalhador.” (TORGA, 2002, p.52) Não se pode saber, ao ler o conto, se esse padre respeitava as leis católicas ou apenas as aconselhava. Contudo, os padres torguianos, na maioria das vezes, respeitam da maneira que bem entendem, como o padre Gaspar, do romance *Vindima* (1945)⁵: “Mortal até à raiz, o diabo do homem! E a prova eram os seis filhos, que nem se dava ao cuidado de chamar afilhados (...).” (TORGA, 1999b, p.175)

É importante ressaltar que, no conselho que o padre dá à Matilde, há a referência ao fato de Arlindo não ser de Litém, cidade onde se passa o conto – ele é, portanto, um forasteiro, o que agrava ainda mais a situação, pois os habitantes locais não conhecem detalhes de sua vida. Contudo, os pormenores da vida de Arlindo são informados

ao leitor pelo narrador onisciente, que pode, a partir deles, imaginar qual será o destino de Matilde: “Mesmo no povo, desgraçou a Arminda, uma cachopa tão dada, tão bonita, que cortava o coração vê-la depois, *desprezada de toda a gente* [...]. Em Guiães foi a filha do Bernardino [...]. Em Abaças, escolheu a Olímpia [...].” (TORGA, 2002, p.51)⁶ Pode-se perceber nas palavras destacadas a inutilidade da mulher após a perda da virgindade em contexto exterior ao casamento.

A culpa cristã, mais uma vez, persegue as personagens femininas. Ela aparece em Matilde através do choro, ao desabafar em casa de uma amiga. Enquanto Otília demonstra sentir-se culpada ao clamar por Deus, em seu desespero. No fim da festa, com o clarear do dia, ela percebe a realidade e sente aumentar seu sentimento de culpa: “Acordada pela luz da manhã que rompia calma e diáfana, a serra mostrava os largos horizontes varridos e amortecia nas consciências a confusa exaltação que a noite permitira.” (TORGA, 1980, p.199) A sua relação sexual não é narrada, o que indica a falta de importância daquela, principalmente para o casal envolvido. Entretanto, pode-se decifrar na citação acima, nas palavras “rompia”, “largos horizontes varridos” e “confusa exaltação”, uma alusão à perda da sua virgindade e como ela estava se sentindo, confusa e devastada. A claridade e o fim de festa mostram para Otília a realidade, o que aumenta seu arrependimento: “A rapariga, essa reduzia tudo à sua honra perdida atrás de uma fraga que nem saberia agora identificar.” (TORGA, 1980, p.200).

Considerações finais

5 A edição utilizada é de 1999.

6 Grifo meu.

Pode-se perceber uma tentativa de apresentar uma lição de moral em muitos contos do português Miguel Torga. Nos contos aqui analisados, o tom moralizante é destinado às mulheres que perdem a virgindade em contexto exterior ao casamento. Para Monteiro,

A brevidade discursiva do conto está relacionada com o efeito que se pretende atingir e que, por sua vez, se relaciona com a *intenção moralizadora* que tradicionalmente lhe está subjacente, conferindo-lhe *unidade de tom*, já que tudo converge para um único objectivo, procurando causar uma determinada impressão junto do receptor da mensagem. (MONTEIRO, 2001, p.80)⁷

Nos contos aqui analisados, as mulheres – de certa forma – são punidas ao final. Matilde ficou falada e mal vista pela sociedade. Otilia transformou-se em uma mulher completamente arrependida e sentia-se culpada, com muitos remorsos. O mesmo ocorre com outras personagens femininas, em diversos contos do autor transmontano. Com algumas exceções, como em “Mariana”, em que a personagem “contraria muitas ideias sobre as mulheres da primeira metade do século XX” (PINHEIRO, 2015, p.77) Algumas vezes essa punição é evidente na narrativa, em outras é quase imperceptível, não escapando apenas ao olhar de um leitor mais atento, como ocorre em “A revelação”, uma das narrativas breves do livro *Contos da Montanha*. No conto supracitado, a rapariga perde a virgindade, o rapaz vai embora, ela descobre que está grávida, decide ter a filha e após um tempo consegue casar-se com outro homem. Este, em nenhum momento da vida – e do conto – fala com a mulher sobre o pai da enteada. Contudo, anos depois, quando já estão velhos, ele percebe que o homem apareceu novamente na cidade e quebra, com violência, o prato que o rival havia consertado. Mais uma vez,

pode-se perceber o não dito no conto: a vida do casal a partir dali não será mais a mesma.

Podemos, portanto, perceber, com a análise dos contos “A paga” e “A festa”, que a moralidade sexual na sociedade transmontana da primeira metade do século XX era exigida apenas das mulheres, estando os homens desobrigados de manterem-se virgens até o matrimônio. Esses tinham a função defender a honra das mulheres da sua família, mesmo que, em algum momento, desonrassem mulheres de famílias alheias. Com isso, pode-se inferir que a honra e a moralidade sexual são, de fato, muito importantes para as mulheres transmontanas da obra torguiana de meados do século XX, e que, ao perder essa honra, elas estão mortas como mulher para a família e para a sociedade, pois a mulher, “em consequência da sua desfloração, torna-se definitivamente um ser sexualmente diferenciado (...)” (GEISLER, 2009, p.141).

Referências

ALBINO, Teresa de Jesus. Mães solteiras numa aldeia transmontana. In: **Análise Social**, vol. XXII, 1986.

ÁLVAREZ, Eloísa. A lei da terra e a lei do céu em *Novos Contos da Montanha*, de Miguel Torga. **I Ciclo de Conferências sobre a Narrativa Breve**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001, pp. 55-64.

ANDRADE JUNIOR, Antonio Francisco. A palavra pede silêncio! – Uma análise do conto *Uma simples flor nos teus cabelos claros*, de José Cardoso Pires. In: JORGE, Silvio Renato; ALVES, Ida Maria Santos Ferreira. **A palavra silenciada** – Estudos de Literatura Portuguesa e Africana.

7 Grifos da autora

Niterói: Vício de Leitura, 2001, pp. 33-40.

FAGUNDES, Francisco Cota. Os Novos Contos da Montanha, de Miguel Torga, como ciclo de contos regionais. In: FAGUNDES, Francisco Cota (org.). **Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e o seu Compromisso**. Lisboa: Salamandra, 1997, pp. 167-236.

FERREIRA, António Manuel. Vindima, de Miguel Torga: os contos de um romance. In: MARINHO, Maria de Fátima (Org.). **Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga**. München: Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2007, pp. 7-13.

GEISLER, Eberhard. O que é o Humano? Leitura psicanalítica da obra de Miguel Torga. Veredas – **Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, V. 11, 2009, pp. 131-154.

JESUS, Maria Saraiva de. Símbolos femininos e masculinos na obra de Miguel Torga. **I Ciclo de Conferências sobre a Narrativa Breve**, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001, pp. 93-109.

JÚDICE, Nuno. Uma ideia de Literatura para um século de ficção. In: PERNES, Fernando (coord.). **Panorama da Cultura Portuguesa no Século XX – Artes e Letras I**. Edições Afrontamento, 2001.

MCNAB, Gregory. Resistência à patriarquia: sobre dois contos de Miguel Torga. In: FAGUNDES, Francisco Cota (org.). **Sou um Homem de Granito: Miguel Torga e o seu Compromisso**. Lisboa: Salamandra, 1997, pp. 279-288.

MONTEIRO, Maria da Assunção Morais. Narrativas breves no Diário de Miguel Torga: intertextualidade homo-autoral e hetero-autoral. **I Ciclo de Conferências sobre a Narrativa Breve**.

Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001, pp. 77-92.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: uma polémica para a história natural da moral**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

PEREIRA, José Carlos Seabra. Para o estudo da antropologia torguiana. Alguns vectores dos contos. In: MARINHO, Maria de Fátima (Org.). **Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga**. München: Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2007, pp. 235-250.

PINHEIRO, Melina Galete Braga. **Desejo fugaz, errância e telurismo em ‘Mariana’, um conto de Miguel Torga**. Interfaces, v. 6, n. 2, 2015, pp. 72-78.

ROHDEN, Fabíola. Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?. In: CAMPOS – **Revista de Antropologia Social**. V. 7, n. 2. Paraná: UFPR, 2006.

SANTANA, Maria Helena. Notícias do Paraíso – O povo rural nos contos de Miguel Torga”, in MARINHO, Maria de Fátima (Org.). **Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga**. München: Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2007, pp. 155-165.

SANTOS, Maria Helena Duarte. A perda da virgindade da mulher em contexto exterior ao casamento. In: MARQUES, António Lourenço. **Medicina na Beira Interior – Da Pré-História ao Século XXI**. Castelo Branco: EdiRAIA, 2000.

TORGA, Miguel. **Contos**. 3ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

TORGA, Miguel. **Diário**. Vols. I – VIII. 2ª ed.
Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

TORGA, Miguel. **Diário**. Vols. IX – XVI. Lisboa:
Publicações Dom Quixote, 1999a.

TORGA, Miguel. **Novos Contos da Montanha**.
9ª ed. revista. Coimbra: Coimbra, 1980.

TORGA, Miguel. **Portugal**. 3ª ed. revista.
Coimbra: Coimbra, 1967.

TORGA, Miguel. **Vindima**. 7ª ed. Lisboa:
Publicações Dom Quixote, 1999b.

Artigo enviado em: 10/03/2016

Aceite em: 08/09/2016